

A descoberta do coração da Igreja é uma grande luz também para nós hoje, a fim de não nos escandalizarmos por causa das limitações e fraquezas da instituição eclesial, marcada por obscuridades e pecados, e entrarmos no seu coração ardente de amor, que se incendiou no Pentecostes graças ao dom do Espírito Santo. É o coração cujo fogo se reaviva ainda com cada um dos nossos atos de caridade. «Eu serei o amor»: esta é a opção radical de Teresinha, a sua síntese definitiva, a sua identidade espiritual mais pessoal.

Papa Francisco, *Exortação Apostólica «C'est la Confiance»*, 41 (para assinalar os 150 anos do nascimento de Santa Teresinha)



Boletim de Espiritualidade

1 NOVEMBRO 2023
Ano X Nº 113



Agenda novembro 2023

- 2 a 5 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 3 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 6 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Elsa Rodrigues [🔗](#)
- 6 **Online** – De Véspera com Francisco Palau [🔗](#)
- 6 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 6 a 10 **Fátima** (Santuário) – Retiro – P. João Rego, OCD [🔗](#)
- 7 **Porto** (C. Cultura Católica) – *Raízes e matizes da alegria cristã: Uma abordagem bíblica* – Domingos Areais [🔗](#)
- 7 **Online** – De Véspera com S. Isabel da Trindade [🔗](#)
- 8 **Lisboa** (C. do Rato) – Ciclo de conversas «E Deus em nós?» – Sebastião Bugalho [🔗](#)
- 9 a 12 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 9 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 10 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 10 a 12 **Fátima** (Domus Carmeli) – 4.º módulo da Escola de Maria: «Maria, Mulher fecunda» [🔗](#)
- 10 a 12 **Braga** (C. Soutelo) – Retiro temático de silêncio [🔗](#)
- 15 **Lisboa** (C. do Rato) – Ciclo de conversas «E Deus em nós?» – Matilde Trocado e David Lopes [🔗](#)
- 16 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 17 **Ávila** (CITes) – Simpósio internacional: *Islamismo e Cristianismo, duas religiões pela paz* [🔗](#)
- 17 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 17 **Silves** (Casa de Retiros de São Lourenço) – Retiro para jovens [🔗](#)
- 17 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Pausas para Deus [🔗](#)
- 18 **Braga** (Carmo) – *Tardes com Deus* [🔗](#)
- 18 **Outeiro de S. Miguel** – Conferência: *Centralidade da Eucaristia na espiritualidade de D. João de Oliveira Matos* – D. António Luciano [🔗](#)
- 20 a 24 **Fátima** (Santuário) – Retiro – D. Manuel Pelino [🔗](#)
- 20 a 24 **Online** – Curso teológico: *Meditações sobre Deus, um Deus apetecível* – Fr. José Nunes, OP [🔗](#)

- 22 **Lisboa** (C. do Rato) – Ciclo de conversas «E Deus em nós?» – Martim Sousa Tavares [🔗](#)
- 24 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 24 a 26 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama II [🔗](#)
- 24 a 26 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Advento [🔗](#)
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 29 **Lisboa** (C. do Rato) – Ciclo de conversas «E Deus em nós?» – Ilda David [🔗](#)

Agenda dezembro 2023

- 1 **Braga** (Casa de Soutelo) – Corações resilientes [🔗](#)
- 1 a 3 **Braga** (Casa de Soutelo) – Simpósio Inaciano [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – José Augusto Rodrigues [🔗](#)
- 5 **Porto** (C. Cultura Católica) – «*Itinerário da Iniciação à vida cristã das crianças e adolescentes com as famílias*»: *Uma oportunidade* – Maria Isabel Oliveira [🔗](#)
- 6 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Advento [🔗](#)
- 7 a 10 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 8 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Advento – P. Agostinho Castro [🔗](#)
- 9 **Outeiro de S. Miguel** – Conferência: *Atualidade da mensagem do sr D. João e o seu contributo para a Igreja dos nossos dias* – P. José Manuel Martins [🔗](#)
- 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Retiro de Advento [🔗](#)
- 11 **Lisboa** (IDFC) – Curso de introdução à Economia de Francisco [🔗](#)
- 13 **Online** – De Véspera com S. João da Cruz [🔗](#)
- 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Advento [🔗](#)
- 14 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 15 a 17 **Avessadas** – Retiro de Advento – P. André de Santa Maria [🔗](#)
- 15 **Fátima** (Santuário) – *Lectio divina* (liturgia dominical) [🔗](#)
- 16 **Braga** (Carmo) – *Encontros junto à fonte* (reflexão, diálogo e oração) [🔗](#)
- 20 **Braga** (Casa de Soutelo) – Catequese de Advento [🔗](#)
- 24 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)



Israel,

«Não terás outros deuses além de Mim»

Armindo Vaz, OCD

Desde a independência do actual Estado de Israel em 1948 fomos assistindo – e assistimos – a gestos de anti-semitismo, mas também ao recrudescimento de manifestações contra palestinianos, muçulmanos e cristãos. E frequentemente vê-se esta tensão como divergência entre religiões, que concebem de forma diversa o divino e a relação das pessoas com Deus. Os leitores da Bíblia poderiam suspeitar que a base para essa tensão já está nela. Certo é que o Deus dos hebreus aparece a exigir exclusividade de adoração e a rejeitar os outros deuses ou os deuses dos outros povos e religiões. Fomo-lo ouvindo desde as sessões de catecismo logo ao aprender os dez mandamentos como ditados ao povo de Israel: «Eu sou o Senhor, teu Deus...: não terás outros deuses além de mim» (Ex 20,3).

Na Bíblia, os deuses dos outros povos eram considerados ídolos. Os profetas ridiculizavam-nos, censurando os israelitas que os adoravam: «Um cipreste... é bom para queimar. Com uma parte as pessoas aquecem-se... Com o resto fazem um deus, um ídolo, que adoram prostrando-se diante dele..., e dizem: 'salva-me, pois tu és o meu deus!' Não... discernem, porque... o seu coração está privado de compreender. Não reflectem em seu coração, não têm conhecimento nem inteligência para dizer: 'queimei metade ao fogo, também cozi o pão nas suas brasas... e do resto extraí uma abominação: adoro um pedaço de madeira» (Is 44,13-19). Por essa altura, com Israel desterrado na Babilónia (depois de 587 a.C.), o Deuterónimo, numa exortação sem precedentes à fidelidade ao seu Deus e à negação dos outros deuses, põe Moisés a dizer ao povo: «Reverenciarás o Senhor, teu Deus, a Ele servirás... Não ireis atrás de outros deuses, deuses dos povos que estarão ao redor de vós» (6,13-15). Chega a ameaçar que «quem servir outros deuses prostrando-se diante deles» será apedrejado à morte (17,2-5).

Esta era a viragem operada pela fé bíblica na história da evolução do espírito humano. É feita remontar a Moisés (± 1220 a.C.): consiste na proposta de adorar um só Deus como verdadeiro, considerando falsos deuses todos os outros, declarando-os mentira, engano, falácia genética. Por trás desta ligação transparecia a distinção entre verdade e mentira: Deus é a verdade, os deuses dos outros são mentira. Ora, esta distinção entre verdadeiro e falso, entre Deus e os deuses, foi por vezes traduzida na distinção entre amigo e inimigo: a proibição de outros deuses poderia definir e gerar um inimigo. Os adoradores de outros deuses ou de outro deus (1Rs 18,21) foram vistos como inimigos dos adoradores do Deus considerado verdadeiro.

Honestamente, este contexto literário poderia descobrir essa lógica de inimizade e até de violência. De facto, a linguagem dos textos da Bíblia hebraica que declaram luta à idolatria ou descrevem a eliminação de adoradores de outros deuses transpira violência. Não admira que o Iluminismo e o Racionalismo os tenham denunciado como



Ré, o deus Sol no antigo Egipto

textos de crueldade. Numa operação punitiva exemplar – depois do episódio da adoração do bezerro de ouro – os levitas de Israel matam à espada cerca de 3.000 homens por indicação de Deus a Moisés (Ex 32,25-35). E o ajuste de contas do profeta Elias com os 450 profetas do deus fenício Baal mais os 400 profetas da deusa fenícia Achera não é menos cruel: depois do desafio sobre quem era o Deus verdadeiro, se o Deus de Israel, se os deuses fenícios, e tendo o povo aceitado como verdadeiro o Deus de Israel, Elias degolou-os (1Rs 18,18-40). Até o piedoso rei de Judá, Josias, levando a cabo uma reforma religiosa sem paralelo (622 a.C.), destituiu «os sacerdotes que ofereciam incenso a Baal, ao sol, à lua, às constelações e a todo o exército dos céus» e «imolou nos altares todos os sacerdotes... que ali havia» (2Rs 23,4-20).

É inegável que esta fraseologia bíblica está eivada de violência. E verifica-se que, depois dos tempos bíblicos até aos nossos dias, os fiéis das três religiões monoteístas, que vão buscar à Bíblia o substrato para a sua espiritualidade e acção, exerceram violência uns sobre outros, fundamentando-se na linguagem dos respectivos textos sagrados que a descrevem. Contudo, não a exerceram de forma igual. Sobrevoando a história na generalidade, um dado chama a atenção. A tradução desta violência verbal em factos violentos por motivos religiosos quase não é atribuível aos hebreus/judeus até à constituição de um Estado israelita independente numa terra própria (aquela em que tinham vivido pelo menos desde os tempos do rei David no séc. X a.C., com invasões e exílios colectivos pelo meio, até ao ano 135 d.C., altura em que os grupos de judeus que lutaram contra o ocupante e colonizador império romano foram esmagados e vencidos, resultando daí uma expulsão massiva dos judeus da sua terra). No decorrer da história terão sido capazes de humanizar estes textos até ao ponto de os tornar – ou entender como – inofensivos na acção. Interiorizaram a distinção entre amigo e inimigo, reduzindo-a a um dissentimento interior, a um pecado pessoal, que não envolveria a comunidade, plural do ponto de vista religioso, em que o judeu estivesse inserido. A tendência para interiorizar a distinção entre amigo e inimigo reforçou-se cada vez mais no judaísmo, até ao ponto de ser reduzida a uma tensão ou conflito interior.

Se esta tese é válida, essa interiorização espontânea evitava o perigo real de a transladação da linguagem da violência, do campo e do contexto semântico narrativo próprio, bíblico, para outro contexto que não o dela – descontextualizando-a, portanto – efectivar a violência que ela não queria gerar. Ao não enveredarem por uma lógica de violência em acção que os seus textos sagrados fundadores aparentemente indicavam, os judeus terão intuído que a violência que uma leitura à *letra* da proibição da adoração de outros deuses transpira não é inerente ao *espírito* desses textos. Terão tomado consciência de que a aparente violência verbal do Deus bíblico contra os outros deuses não visava incitar à prática da violência física contra os adeptos desses outros deuses: quem se sentiu satisfeito com isso pôs baixa a fasquia da leitura. Possivelmente pela congénita compreensão do alcance da língua original hebraica da Bíblia, do seu léxico e do funcionamento da sua semântica, poderão ter percebido que a significação desses textos não se limitava ao que *diziam*: estava no que *queriam dizer*. Não queriam fazer historiografia: eram um programa de espiritualidade. Sugeriam que o compromisso de fidelidade de Israel ao próprio Deus exigia a abstenção de qualquer culto idólatrico e de expressões de religiosidade que pusessem em perigo a pureza da fé. Tencionavam, não gerar inimizade com pessoas mas evitar reduzir o Deus transcendente à matéria: censurar a idolatria era rejeitar que o verdadeiro Deus pudesse ser não-transcendente. Se não fosse transcendente, mais valeria ser-se ateu, porque «os ídolos dos [outros] povos são ouro e prata, obra das mãos dos homens; têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não ouvem» (Sl 115,4-8). São criação humana, reduzida e redutora, deuses contrafeitos, sem transcendência. Adorar deuses seria perder do horizonte a transcendência, identificar Deus-Espírito com o físico, sem necessidade de sentido último para a vida. O judeu formado na fé bíblica percebia que a luta dela contra a idolatria era

uma luta espiritual pela salvação da essência do humano, que, se adorasse deuses, se rebaixaria ao nível deles, que eram a tal «abominação» alienante. Por isso diz o profeta Jeremias dos israelitas idólatras: “Assim diz o Senhor: afastaram-se de mim; indo atrás do vazio, tornaram-se vazios” (2,5). Venerar deuses punha a esperança em objectos inferiores, projectando neles a mortalidade humana. Isto valia mesmo para expressões de fé monoteísta que viessem a adulterar a imagem do verdadeiro Deus que pretendessem adorar (como a de um deus castigador, milagreiro, intervencionista, legislador...).

Como se vê, a leitura de textos sagrados antigos e a sua interpretação mexem com a vida, influenciam-na de forma determinante, para o bem e para o mal. Se for contextualizada, despoja-os de violência. Esta nem terá sido objectivamente levada à prática nos tempos bíblicos. Não se pode dizer que Elias tenha matado 450+400 profetas; a cena de carácter lendário está revestida das cores de uma teofania para exaltar a fé só no Deus de Israel. Lida nessa cadência espiritual, queria significar a incompatibilidade de Deus com a idolatria e pôr o leitor a interagir com o transcendente, invisível mas presente. O mesmo significava a ameaça de apedrejar quem venerasse outro deus que não o de Israel; mas não era para executar. Enquanto enraizado na humanidade e espiritualidade bíblica, o israelita terá pensado que a violência põe a nu as contradições, os enganos dos que optam por ela. Viu que o *novo* da violência é a aniquilação do bom que o violento pode ter, gerando o ‘pior que antes’, e que as suas raízes são a vingança do amor perdido. Viu que a violência é a potência descontrolada de uma consciência deformada, alimentada com a corrupção virulenta do amor em ódio, e que, portanto, seria o aviltamento do humano. O entendimento fundamentalista dos textos bíblicos, que ao longo dos séculos justificou guerras e outras formas de violência, causará surpresas a quem não o quer evitar.



De Véspera Com... BEATO FRANCISCO PALAU

Orienta: Carmelitas Missionárias

06 de novembro, às 21h30

Icons for Instagram, Facebook, YouTube, and a website icon.



De véspera com...

Francisco Palau e Isabel da Trindade



«De Véspera com» é uma proposta de formação na área da espiritualidade que os Carmelitas Descalços proporcionam no dia anterior à celebração litúrgica dos principais santos e beatos do calendário próprio do Carmelo. Este momento de formação e oração constará de uma comunicação, às 21h30. Ao aproximar-se a celebração do beato Francisco Palau, sacerdote carmelita espanhol fundador de duas congregações de irmãs carmelitas, haverá no dia 6 de novembro, uma transmissão *online* com um momento formativo e espiritual orientado pelas Carmelitas Missionárias e no dia 7 de novembro será dedicado a santa Isabel da Trindade, sob orientação de Francisco Braguês. Será transmitido nas diferentes plataformas da Ordem dos Carmelitas em Portugal. [🔗](#)

Retiro *online* para o Advento e Natal

Com santa Teresa dos Andes



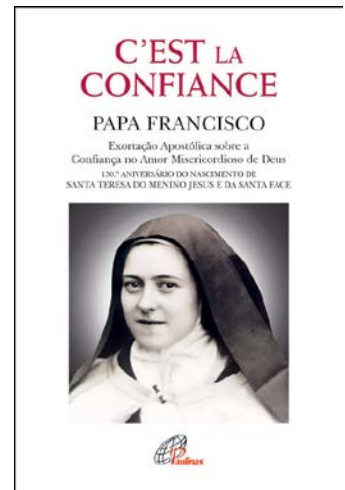
Os Carmelitas Descalços, dando continuidade ao projeto de *retiros online* nos tempos fortes, estão a preparar o próximo acompanhado pela carmelita descalça santa Teresa dos Andes (1900-1920). Esta santa chilena ajudará a viver mais intensamente este tempo de Advento que se aproxima, introduzindo-nos na alegria e esplendor do nosso Deus nascido para nós na simplicidade de um presépio. Santa Teresa dos Andes conduzir-nos-á à alegria do Natal através de 5 etapas: – 1.º Domingo: «A santidade como objetivo»; 2.º Domingo: «A humildade é um meio para conhecer Deus»; 3.º Domingo: «Deus é alegria infinita»; 4.º Domingo: «Perto de ti» e a finalizar: Natal: «Que beleza!». Inscreva-se em www.webretiro.karmel.at e cada sexta-feira ser-lhe-á enviado um *email* com a meditação. [🔗](#)

Santuário dinamiza encontros semanais de leitura orante das Escrituras



O Santuário de Fátima oferece, neste ano pastoral de 2023/2024, um calendário de 31 encontros de *lectio divina* preparatória da celebração do domingo. As sessões, que têm como tema agregador a frase de São Jerónimo: “Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo”, estão abertas a toda a comunidade e acontecem às 21h00 de sexta-feira, na sala do Espírito Santo da Casa de Retiros de nossa Senhora do Carmo. [🔗](#)

C'est la confiance – Exortação Apostólica sobre a Confiança no Amor Misericordioso de Deus



Nesta Exortação apostólica, o papa Francisco convida-nos a mergulhar na vida e nos ensinamentos de santa Teresinha do Menino Jesus. Trata-se de um convite para entrar numa jornada espiritual, revelando a beleza da espiritualidade simples e do amor incondicional que nos leva a Cristo, na qual nos convida a contemplar a sabedoria atemporal contida nos escritos e nas experiências desta jovem santa, desafiando-nos a aplicar esses princípios nas nossas próprias vidas. É um convite para que cada um de nós, independentemente da nossa caminhada espiritual, possa encontrar inspiração na vida desta santa extraordinária, cujo legado continua a florir e a iluminar os corações de milhões em todo o mundo..

Publicação: Paulinas editora [🔗](#)

claustrO

A Solidão de São João da Cruz. A solidão é um elemento constitutivo e estruturante do ser humano. Assim se refere Carlos Vieira, sacerdote Carmelita Descalço, no seu mais recente artigo publicado no espaço *Claustro* para nos remeter a São João da Cruz, que a concebe, inicialmente, como um meio para se abrir à ação de Deus. Numa perspectiva dinâmica, são João da Cruz, o doutor místico diz-nos que o orante, ferido de amor e por uma solidão radical, deve aprender a recolher-se em si, até que, por fim, nas fases ulteriores da vida espiritual, é o próprio Deus quem recolhe o orante no mais profundo centro da alma [🔗](#)

Navegar é preciso! Navegar, onde? Aqui, onde a terra se acaba e o mar começa. De que mar falamos? Do mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim? São estas as questões iniciais que o autor deste artigo, padre Manuel Reis, nos coloca para que reflitamos acerca da navegação que a nossa vida leva. [🔗](#)

O Reino dos pequeninos *

Frei Francisco Braguês, OCD

Caríssimos leitores, continuamos a celebrar Santa Teresinha do Menino Jesus ao longo desta peregrinação anual que estamos a realizar com estas singelas linhas que, mensalmente, vão sendo publicadas no nosso *Diário do Minho*.

Desde janeiro que estamos a viver o ano jubilar de comemoração do 150º aniversário do nascimento da maior santa dos tempos modernos, como afirmou o papa São Pio X. Precisaríamos de vários anos para aprofundarmos as grandes riquezas que esta jovem carmelita francesa esconde e nos revela. Mesmo assim, mês a mês, vamos nos aproximando, sorrateiros embora ousados, desta grande santa.

O mês de outubro é inaugurado na Igreja pela celebração festiva de Santa Teresa do Menino Jesus. Anualmente, o dia 1 de outubro é dia de grande festa e ação de graças pelos dons e graças que recebemos de Teresinha. Gostaria, pois, de deter-me naquilo que a Liturgia da Igreja nos apresenta para celebrarmos, rezarmos e agradecermos Teresa de Lisieux.

A Liturgia da Palavra é belíssima. Toda ela se centra na imagem de Deus como pai – e mãe – cheios de carinho e ternura pelos seus filhos. A Primeira Leitura, retirada do livro do profeta Isaías transpira o amor de Deus para com Jerusalém por todos os lados. Correrão rios de paz para Jerusalém – também nós somos cidade santa – da parte de Deus. Os seus filhos serão acariciados e consolados sobre os joelhos, qual pai – e mãe – que cuidam ternamente de seus filhos. Alegremo-nos, pois Deus ama infinitamente cada um de nós e transforma os nossos corações, tantas vezes obscurecidos por trevas e noites, em focos de luz e de salvação.

O salmo que cantamos em dia de Santa Teresinha é um bálsamo de paz e de consolação. O salmo 130 é um convite a entrarmos no santuário do nosso coração, como o fazia tantas vezes a jovem carmelita, e aí descobriremos o nosso tudo, o necessário e suficiente. Não busquemos fora o que temos dentro! O reino de Deus não é dos soberbos nem daqueles que buscam coisas superiores às suas forças e capacidades. Este reino é antes daqueles que ficam tranquilos e sossegados, como crianças ao colo da mãe. Retomamos a imagem materna consoladora e terna, que Teresinha de Lisieux desbravou e descobriu que era caminho seguro para a almejada união com Deus.

O Evangelho proposto é a meta desta senda. Os discípulos andavam preocupados em saber quem seria o maior no Reino dos Céus. Ambicionavam grandezas e os seus olhos levantavam-se altivos, como escutávamos no salmo 130.

Jesus, na sua divina sabedoria, responde de forma plástica. Chamou uma criança. Poderia ser Teresinha! Ali estava: quem não se tornar como uma criança, não entrará no Reino. Este Reino não é dos poderosos e altivos, mas sim dos pequeninos e humildes. É o Reino dos pequeninos!

Santa Teresinha ensina-nos que a infância espiritual é o caminho para acolhermos o abraço do Pai. É a peregrina-



ção que estamos chamados a percorrer para descobriremos já aqui, nesta terra e no nosso coração, o Reino que está entre nós. Assim rezamos no Prefácio da Missa: «Vós revelastes à pequena Teresa os mistérios do vosso reino, para que, mediante a sua vida escondida com Cristo, anunciasse aos homens o evangelho do vosso amor misericordioso».

Esse evangelho do amor misericordioso de Deus é o grande segredo que Jesus quer comunicar aos nossos corações. Devemos estar dispostos a perder as nossas seguranças e supostas bases seguras para nos abaixarmos, como o nosso Deus que se abaixa aos nossos corações para aí estabelecer a sua morada.

Diante d'Ele apresentemo-nos de mãos vazias, como as crianças, que lhes basta um sorriso para nos enternecer o coração. Deixemos que o Pai do Céu nos coloque ao seu colo e nos comunique os segredos do seu Reino. Façamo-nos pequeninos e humildes, singelos e discretos. Sejamos reflexos e missionários do amor misericordioso de Deus no nosso mundo, entre os nossos contemporâneos.

Peçamos a Santa Teresinha do Menino Jesus essa ousadia de nos lançarmos nos braços do Pai, de percorrermos os trilhos da infância espiritual. Rezemos como em cada 1 de outubro na oração coletiva: «Deus de infinita bondade, que abris as portas do vosso reino aos pequeninos e humildes, fazei que sigamos confiadamente o caminho espiritual de Santa Teresa do Menino Jesus, para que, por sua intercessão, cheguemos à revelação da vossa glória».

* Publicado no jornal *Diário do Minho* de 2 outubro 2023

Uma mulher e o seu castelo

Frei João Costa, OCD

1. Santa Teresa de Jesus (1515-1582) foi mulher diligente e valente num contexto de patriarcas e varões. Era de linhagem nobre, embora falida e de baixo coturno. Fundadora e escritora, dirigiu-se a suas irmãs e filhas, e a toda a Igreja, incluindo bispos e teólogos. Dirigiu-se, digo: ensinou. Foi mulher à frente, num tempo marcado pelas Descobertas, pelo enfrentamento entre Reforma e Contra-Reforma, e pela rudeza da Inquisição. Ter sido mulher num tempo tão desafiante, simultaneamente tão novo e tão velho – precisamente na hora em que ardendo a Velha começava a surgir a Nova Europa – ter sido mulher e aceitado ser guiada pelo Espírito Santo para alumiar e ensinar, e depois disso, ter sobrevivido, não foi nem empresa menor nem tarefa pouca! Bem merece, por isso, ser celebrada hoje. E lembradas as suas últimas palavras: «Morro, enfim, filha da Igreja!».

2. É considerada, com justiça, um dos maiores génios da Humanidade – não apenas por católicos, mas também muitos indiferentes, tantos agnósticos e ateus – porque todos lhe reconhecem a originalidade da sua sabedoria espiritual que só pode provir duma impetuosa fonte manando-lhe da experiência e do contacto com o sublime e o divino. Era além disso mulher arguta de inteligência, senhora de uma força surpreendente e persuasiva em seus argumentos, e possuidora de um estilo vivo e atraente.

Percorrendo distâncias improváveis, por carreiros lamacentos e impraticáveis, à mercê de bandoleiros e percevejos, indómita até ao heroísmo, mostrou-se capaz de empreender a fundação de dezasseis mosteiros de Descalças, aventura que ainda hoje só pode impressionar-nos porque em cada um daqueles deixava comunidades de monjas que ardiam de zelo por Deus e pela Igreja.

Tão lúcida quão intuitiva sabia perceber em quem se lhe apresentava por diante a mola secreta que o (ou a) levantaria em favor de algo melhor e de um bem maior. Era ainda bela, de um sólido e luminoso bom senso, franqueza humilde, e elegância tão sedutora que mais cativava que amesquinhava.

Sem jamais alguma vez ter sido uma Madalena, nem sempre foi modelo de inteira perfeição. De facto, nos primeiros anos de vida no mosteiro algo se desleixou no fervor religioso. Aos 39 anos, porém, quase inadvertidamente, Deus lhe tocou o coração, e de uma maneira tão sensível que, debulhada em lágrimas, e prostrada diante de uma imagem representando Jesus atado à coluna na hora da flagelação, lhe disse; «*Senhor, daqui não me levanto, enquanto não me concederdes a graça e a fortaleza bastantes, para não cair mais em pecado e Vos servir de todo coração, com zelo e constância.*».

Aquela sua oração foi ouvida e, de uma vez para sempre, o coração de Teresa seria só de Jesus, e os seus cuidados e trabalhos só para O tornar mais conhecido e amado. Amado, tal é o nome que de ora em diante Teresa chamará a Jesus.

À distância de cinco curtos anos da sua morte – hora que todos sempre ignoramos –, em outubro de 1577, portanto, imersa nos duros trabalhos fundacionais e no



cansativo governo dos seus mosteiros, escreve a sua obra espiritual mais madura: o Castelo Interior.

Contra o sentido das convenções sociais vigentes ao tempo, temos ali uma mulher escritora, uma mestra espiritual, desarmada de conceitos teológicos, e apenas arrimada à sua experiência pessoal de Deus, algo tão íntimo e forte que a instituiu farol por cima das duras brumas que encapavaçavam o catolicismo de então. Temos, enfim, ali uma mulher e o seu castelo – coisa tão inédita quanto actual.

3. (Por falar nisso, quero apresentar-lhes um quadro. Existe uma pintura, creio que flamenga, mas não sei ao certo, pois no seu tanto algo me foge da memória, no qual habito sem lá me encontrar esboçado. Se bem recorde é um quadro levemente entenebrecido a sépia como um fim de tarde de outono, embora, talvez, mais bem sereno, e com um quê de melancolia. Oito décimos do espaço é ocupado por campos em pousio, o restante por um rio que se abre para um pedaço de oceano, e por um navio em modo partida. Naquele imenso espaço bucólico desenha-se uma cena central: um casal anda a lavar; ele, atrás do arado, vai agarrado à rabiça, seguindo os bois virados para o mar; ela, atrás deles e um pouco ao lado, espazse sementes. Nem o casal nem os bois se apercebem do navio, nem do navio há sinais para o casal que fica.

Sempre li esse quadro – não sei se bem – como a partida da Europa para as Descobertas: os que vão vogam calmos e entretidos em rezas ou jogos, e de tudo o que fica se desligam e despercebem; os que ficam ficam o nariz na terra, abrem-na e semeiam-na, e não valorizam os que partem. Acerto? Não sei. Sei ou parece-me que o quadro está incompleto: por essas horas a Europa de todo não era melancólica, mas apaixonada e ardente; e, sobretudo, a norte, esturgiam-se igrejas e catedrais, e semeava-se o chão de terror e sacrilégios. É por isso que na paisagem noto uma ausência que sangra; algo falha ali: um castelo!)

4. Como se sabe, os castelos são dos varões, e para as mulheres prisão são, donde devam ser resgatadas por valoroso cavaleiro que advenha e as encante. Não assim,

Teresa. Teresa é senhora de um castelo! Sê-lo-á sempre! Sempre! E sempre ensinará suas filhas a serem *alcaldesas*; e se servas, só de Sua Majestade – Jesus, o Senhor, o bom amigo e valoroso capitão!

5. O castelo – e tantos havia no seu tempo, maíla sua amuralhada cidade de Ávila que tanto, ainda hoje, se nos afigura a um imenso castelo – é o seu mais poderoso símbolo gerado em sua literatura, e aquele que melhor a representa. Assumindo que nunca ela no-lo explicou cabalmente, atenemos algumas das suas genuínas considerações:

6. O castelo é a alma; e quem diz a alma, diz cada pessoa, a pessoa toda, e a sua interioridade. Logo, Teresa é o castelo; eu sou o castelo; tu, de igual. A este castelo composto de sete moradas ou mansões cada uma com muitos cómodos – uns por cima, outros por debaixo, outros pelos lados, em torno à morada central – nada lhe falta. Tem uma muralha ou cerca – é o corpo de cada um; e uma porta – a oração entendida como amizade com Jesus, pela qual se entra e se adentra rumo à interioridade. E tem habitantes; os principais são Deus e cada um. O senhor ou alcaide – no caso em apreço, a *alcaldesa* – do castelo é a alma, ou a pessoa, e Deus o seu hóspede.

E tem outros habitantes: vassallos e guardiões que, em linguagem da Santa, são os sentidos e potências da alma (memória, inteligência e vontade).

Todo o castelo tem também inimigos récios e tenazes; e o de Santa Teresa também: (nós próprios; e) cobras, sevandijas, peçonhas, bestas e canhões. Postados fora do castelo, os inimigos lutam para nos impedir a entrada e a demanda em direcção ao mais profundo centro. E se dentro, igual empecem, ou pior. Aliás, tudo o que, fora ou dentro, nos impeça de caminhar rumo aos tesouros da interioridade, e a sermos inteiramente livres, é inimigo, pelo que nessa conta se hajam de contar os pecados, tentações, além dos inimigos da alma: mundo, demónio e carne.

Há no castelo muitas aposentos (assim como no céu há muitas moradas). Ir evoluindo, esforçadamente, de aposento em aposento, é um duro bregar, desde o mais externo até ao mais alto e profundo centro, onde se dá a união íntima com Deus – tal é, pois, a demanda certa, da qual importa jamais desistir.

7. Ao longo do percurso de morada em morada, de etapa em etapa, o que para Teresa sempre mais e mais importa, é manter por toda a vida a relação com o Senhor, fixos os olhos Nele, pela via da oração, digo, pela amizade íntima, num tu a tu determinado e insubstituível.

8. Neste nosso tempo tão insólito e solitário, muito convém lembrar que jamais alguém vive só, pois somos castelo onde connosco Deus sempre mora, e nós com Ele; mora, mas não esbraceja nem se impõe; aguarda-nos. Ele sabe e respeita-nos como sempre se deve respeitar o alcaide ou *alcaldesa* de um castelo – cada um de nós. Cabe-nos, pois, combater, defendendo-o e, desde ele, defender o doce Hóspede que em nós mora e clama pela ternura do nosso olhar, para que mais em nós se acrescente a amizade com Ele; que sempre ali mora, atenção!, e desde o mais profundo segredo do nosso castelo para nós é e desde nós nos acalenta. Para não restarmos sós, cabe-nos, pois, o esforço de ir procurá-Lo, de morada em morada, arrimados ao amor que nunca nos deixa ociosos.

Custe o que custar, venha o que vier, suceda o que se suceder, quer o mar se afunde, ou desabem as galáxias, não existe, pois, tarefa mais nobre para o cristão do que penetrar, sem hesitar nem desistir, no castelo, e mergulharmos no seu profundo centro.

9. É só ali que acontecem as coisas mais secretas entre Deus e alma!

Tarefa só para atrevidos que queiram nunca faltar ao Senhor! Que Ele nunca nos falha!

De Véspera Com...

S. ISABEL DA TRINDADE

07 de novembro às 21h30

Orientador: Pe. Francisco Maria Braguês

Com santa Teresa dos Andes (1900-1920)

Enraizados na Alegria Divina

"Deus é a alegria infinita"



“Deus é a alegria infinita”. Esta afirmação célebre de Santa Teresa dos Andes (1900-1920), primeira chilena a ser canonizada, dá o tom a este retiro de Advento 2023: sim, Deus é bem mais amável, mais belo, mais amante do que geralmente pensamos! Teresa no-I’O dará a descobrir dando-nos o exemplo duma santidade cheia de afabilidade e partilhando connosco conselhos acessíveis para que também nós nos enraizemos na alegria divina. Na sua escola constataremos que é possível crescer numa santidade alegre, junto do divino Recém-Nascido...

DE 29-11-2023 A 07-01-2024

Formato e ritmo do Retiro:

Após uma introdução ao retiro enviada na quarta-feira, 29 de novembro, cada participante receberá um e-mail semanal, todas as sextas-feiras. Poderá baixar o conteúdo da semana em: Formato Word ou PDF (versão para PC ou mobile). Neste e-mail encontrará:

- Uma meditação a partir do Evangelho e de escritos de Santa Teresa dos Andes,
- Pistas para pôr em prática,
- Um vídeo alusivo à meditação,
- O calendário do Advento para rezar dia-a-dia.

Inscrições: www.webretiro.karmel.at

Email : webretiro@karmel.at



www.carmelitas.pt

